

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. III | Nº 40 - MARÇO 2024

O Rei de Espadas



A GUERRILHA

EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Danielle Jesus
Edson Araujo
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

 Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania

 revistaconhecimentocidadania@gmail.com

 @revistaconhecimentocidadania

 @revistaconhecimentocidadania

 @RevConhecimento

 @conhecimentocidadania



Leandro Costa

EDITOR-CHEFE

Servidor público,
advogado impedido,
professor de Direito,
autor do livro: Direito nas
Escolas e Diretor na
ABRAJUC.

Revista Conhecimento &
Cidadania
Vol. III – N° 40
Março de 2024
Rio de Janeiro – RJ
Menezes Costa
CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spotfy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

JULIETTE OLIVEIRA

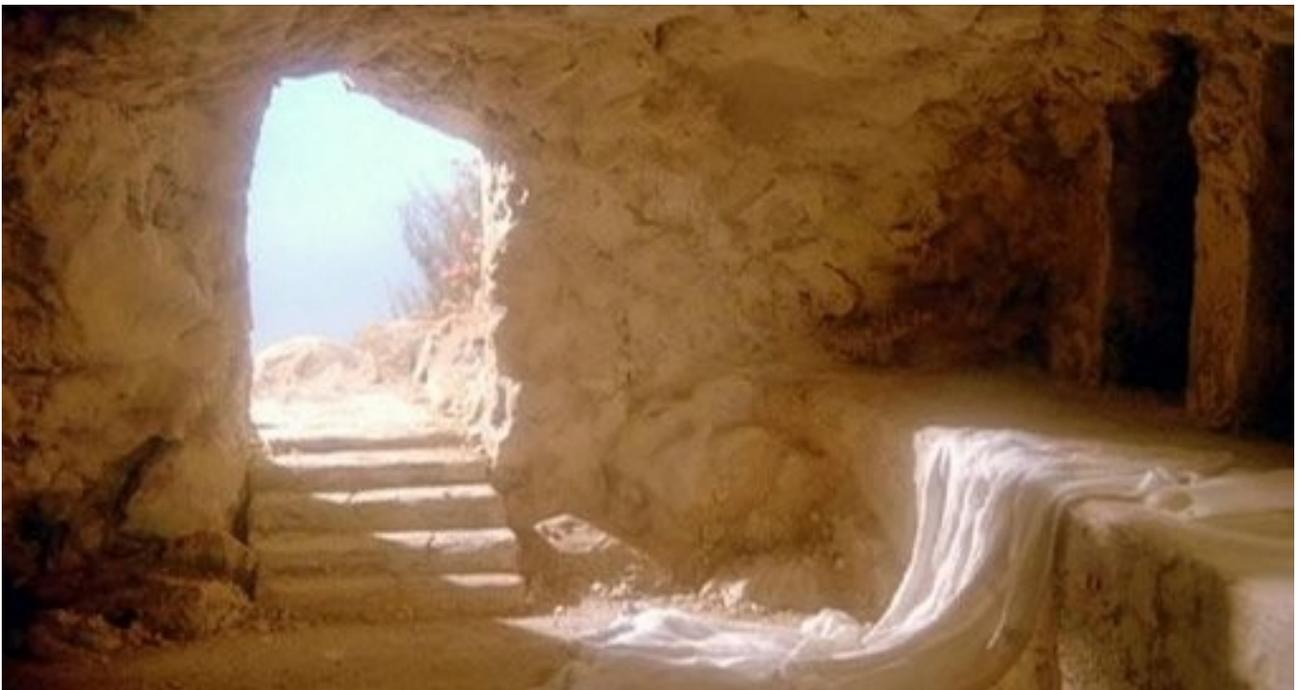
Teóloga, filósofa e engenheira

A Paixão de Cristo e a Páscoa

Se por um lado temos o sacrifício que Deus fez por nós, ao entregar seu corpo como forma de redimir nossos pecados, dando-nos seus ensinamentos, precisamos também lembrar que a vitória sobre a morte, através da ressurreição nos ensina que a salvação se dará pela vontade do Criador, que o paraíso aguarda aqueles que buscam a justiça e os que se arrependam sinceramente do pecado. A morte de Cristo é a clara demonstração do amor de Deus pelos homens e a ressurreição a prova que nada é impossível para Nosso Senhor.

A equipe da Revista Conhecimento & Cidadania deseja uma feliz Páscoa e que guardemos a fé.

Deus abençoe a todos!



A Guerrilha, O Rei de Espadas



A quarta elite global

As três elites globais apresentadas por Olavo de Carvalho assumem posturas claras em sua busca pela hegemonia global, por tal razão, evitar o termo globalista, nos artigos anteriores não foi mero acaso, uma vez que, embora a [elite financeira e intelectual](#) seja conhecida amplamente como globalista, justamente pela sua forma de se inserir na sociedade, permeando através do poder econômico e da cultura, sem dissociar uma da outra, torna-se uma força que caminha pelas sombras, buscando impor suas teorias ao asso que negam sua existência, fazendo com que os mais desavisados acreditem que determinadas políticas como a ESG surgem de forma orgânica, quando é evidente que sua construção é orquestrada por um centro nervoso, o qual podemos denominar com [Torre de Marfim](#).

Ao chamar a elite financeira e intelectual de globalista, o que por vezes o próprio Olavo de Carvalho fazia, associa-se tal elite a sua forma sorrateira de tomada do poder, pois, a maior arma de tal força é a criação de um governo global que não se submeta ao escrutínio, ou seja, não preste contas de suas ações aos indivíduos. É fácil exercer o poder quando não se pode ser questionado ou cobrado por suas ações e a elite financeira e cultural pretende fazê-lo através de governos supranacionais não eleitos, haja vista que, alimenta a crença de que há uma necessidade de um poder maior, capaz de impor barreiras

Leandro Costa

e conduzir toda a humanidade à salvação, por isso, tal elite foi relacionada ao naipe de Copas, que traduz a fé dos indivíduos, não no sentido ideal da palavra, mas no sentido de uma elite que dissuade através de crenças artificialmente inseridas no imaginário da sociedade, em especial, o relativismo.

Olavo de Carvalho batizou a tal grupo como elite financeira e intelectual justamente por saber que as demais também possuem características daquilo que podemos chamar de globalismo, em síntese, temos os globalistas em sentido estrito, que é a alcunha dada a elite financeira e intelectual, bem como, os globalistas em sentido amplo, uma vez que eurásianos e jihadistas também pretendem impor um governo global.

Os jihadistas acreditam na criação de um [Califado](#), no qual o islã reinará sobre toda a terra e por isso, não podem ser ignorados como uma elite globalista, posto que, através daquilo que consideram como uma estirpe nobre herdeira do profeta Maomé, transliteração de Muhammad, por isso, tal elite fora associada a nobreza do naipe de Ouros.

Por sua vez, os eurásianos também pregam, através da teoria de Alexander Dugin, que a chamada Mãe Rússia deverá guiar os homens a um futuro melhor, apontando que os povos do “centro da terra” devem seguir o chamado de liderar a humanidade e afastar o poder daqueles que ameaçam sua hegemonia. Não somente a Rússia, mas China, Irã e mesmo a Alemanha teria papel fundamental na condução história, uma elite que considera a linhagem como fator essencial, alimentando-se da longínqua [rivalidade entre ocidente e oriente](#), por tal razão, foi representada pelo naipe de Paus, que simboliza o povo como centro.

As três elites são globalistas à sua maneira, buscando subjugar todo o mundo aos seus propósitos, todas se associam e se repelem a medida que consideram a outra, respectivamente, como parceira ou rival. Cabe observar que tal efeito não é algo estático, como por exemplo, uma elite se aproximar da outra por comungarem de ideais ou rechaçar uma terceira que almeja o poder total, tento em vista que, como as três anseiam o controle absoluto, a aproximação tem o condão de aproveitamento momentâneo e a rivalidade está na natureza das três, sendo, portanto, ignorada conforme a necessidade em superar algum obstáculo.

Um bom exemplo é a China, que na busca pelo desenvolvimento, agasalhou a indústria ocidental, tornando-se um parque fabril para a elite financeira e intelectual, para a ditadura oriental era a oportunidade de enriquecer o Estado, em verdade o Partido, e subtrair tecnologias que poderiam ser úteis, fazendo de sua mão de obra barata, escrava do governo, um atrativo que a elite financeira não poderia recusar. A elite financeira precisa do poder econômico para sufocar qualquer um que a ele se oponha, o

Leandro Costa

que o “dragão asiático” oferecia, entretanto, alimentava a fera que esperava a oportunidade para dar o bote, assumindo o controle assim que possível.

Outra parceria entre elites é o caso do abastecimento energético da Alemanha pela Rússia, através da rede de gasodutos Nord Stream, termo que aqui abrange os dois gasodutos. O sistema abastecia um país da União Europeia e flagrantemente inclinado às políticas da elite financeira e intelectual, dominante no ocidente, com gás advindo da potência eurásiana, permitindo que a Alemanha pudesse levantar a bandeira da energia limpa frente aos países emergentes, uma vez que, não se trata de um país responsável pela produção de combustíveis fósseis, tão atacados pela agenda da elite financeira, entretanto, comprava o gás da Rússia, terceirizando assim a “culpa pela degradação ambiental”. De forma resumida, o governo alemão, ciente de ser incapaz de cumprir as regras que pretendia impor aos demais países, transferia para a Rússia o fardo de ser um grande “vilão” ambiental em troca de considerável soma, por sua vez, o país eurásiano, despreocupado em relação às políticas ditas ambientalistas, recebia de bom grado tais valores.

Antes da invasão da Ucrânia pela Rússia, a parceria era benéfica para a Alemanha, haja vista que, podia posar de nação preocupada com as causas ambientalistas, garantindo seus aplausos enquanto escondia sua hipocrisia no fundo do Mar Báltico. Mais um caso de relação proveitosa para ambos os braços de elites distintas, que naturalmente, serve aos interesses de ambas, mas não aplaca a rivalidade na corrida ascendente ao trono do mundo.

Há como trazer muitos outros exemplos, entretanto, todos só ratificarão o fato de que as três elites globais se unem quando a aproximação é benéfica a suas metas, mas todas guardam em seu consciente que as outras duas elites são necessariamente concorrentes no que diz respeito ao poder hegemônico sobre o mundo.

Emerge então aquilo que chamaremos de quarta elite global ou “subelite” global, considerando que está abaixo das demais, gozando de menor independência e reconhecimento, por isso, precisa curvar-se constantemente às já consolidadas três elites estabelecidas no topo do mundo. Enquanto as três elites globais se associam para aniquilar quaisquer ameaças e lutam pelo controle absoluto do poder, a quarta tenta se colocar ao lado das demais, buscando obter o poder de barganha ao passo que se utiliza dos métodos aplicados por aquelas.

Sendo uma força em ascensão, não por mérito, a quarta força é a guerrilha que ocupou as trincheiras deixadas pelos demais que se ocupavam em manter suas bases estratégicas e avançar suas agendas. Tratando-se de uma força bem mais amorfa, que, marginalizada no cenário geopolítico, alcançou o poder pela força do caos, por isso, seus soldados da danação formaram a nefasta tropa da destruição que

Leandro Costa

permitirá a revolução, sendo o exército bestial e desorganizado que se harmoniza de forma muito mais inconsciente que as demais elites e, por isso, tão perigoso.

Nada melhor para representar uma força aparentemente caótica com metodologia multifacetada, empregando elementos das demais elites que compreender como proveitosos à sua intent. Uma elite que se porta com vassalagem perante as demais, almejando seu lugar no topo do mundo e sem saber como fazer para ocupá-lo, deixando-se, portanto, ser guiada por líderes transloucados ou pela massa acéfala que absorve narrativas inconstantes com base na “ilusão da verdade”, método defendido e utilizado por Joseph Goebbels na propaganda nazista, por isso, a necessidade de controlar a difusão de informações.

A elite da guerrilha, que melhor se explica como “lumpenguerrilha”, merece ser representada como um exército do caos, perigosos, intimidador e despudorado, portanto, nada mais adequado que o naipe de Espadas, uma vez que tratava das milícias medievais. Lembrando que a guerrilha não conta com o maior poderio militar oficialmente constituído, todavia, arregimenta de forma indireta um número incalculável de guerrilheiros.

Os três mundos



Os revolucionários precisam criar uma relação opressor e oprimido para justificar que um grupo, que se identifique como membros da segunda parcela clame pela intervenção de líderes para suprimir os

Leandro Costa

excessos daqueles que consideram seus algozes. Trata-se de uma estratégia de convencimento para que os indivíduos aceitem a liderança dos revolucionários, tolerando suas medidas autoritárias em nome da luta contra um mal maior. A armadilha consiste, justamente, em colocar-se como salvador contra algo que pode ser criado pela narrativa.

O lobo faz com que as ovelhas tenham medo do cão pastor, levando-as a uma rebelião contra aquele ser dotado de presas na qual o lobo será o líder da nova luta, entretanto, as ovelhas ignoram que o lobo possui presas e, diferente do cão pastor, pretende fincá-las em suas carnes.

Na Revolução Francesa a monarquia era a figura do opressor, na Revolução Industrial tal posto fora ocupado pela burguesia, independente de ser a monarquia absolutista da França alheia à situação do povo e as condições de trabalho na primeira fase da industrialização serem terríveis, não há como negar que os revolucionários iluministas franceses e os bolcheviques foram muito mais danosos aos que restaram sob seu julgo maléfico. É importante constatar que, por vezes, há uma mazela real que pode e deve ser enfrentada, todavia, os revolucionários sempre serão os menos indicados para superar quaisquer que sejam as dificuldades, haja vista que, sua intenção se resume à ascensão ao poder e todo seu discurso é mera narrativa, em se tratando de relativistas, nenhum argumento precisa ser verdadeiro.

Procura-se estabelecer, portanto, um inimigo a ser derrotado em defesa dos oprimidos, em regra um algoz imaginário, como o capitalismo, o cristianismo, o patriarcado ou qualquer um que possa ser espiado como o mal que aflige um grupo, devendo, os membros de tal grupo, jurarem vassalagem incondicional ao seu pseudolibertador, por mais que, em nítida contradição, seja massacrado pelo líder revolucionário. Quanto mais um tirano relativista ascende ao poder, mais torna-se aquilo que prometeu combater, como no caso da Revolução Francesa, episódio em que a crueldade dos líderes revolucionários transformou a extinta monarquia absolutista em nada além de um governo pouco simpático.

Um estratagema utilizado é a transferência da responsabilidade, atribuindo a outrem as consequências do mal que a revolução causara, vide o exemplo do Eixo, empurrado para o espectro da direita política através do discurso daqueles que defendem o socialismo como única força da esquerda, fingindo ignorar que o nacional-socialismo é inspirado nas ideias revolucionárias, de fato é revolucionário, e o fascismo é igualmente uma ideologia revolucionária coletivista. O nazismo e o fascismo são próximos do socialismo, conservando, em geral, a mesma máxima de conflito entre opressores e oprimidos, de senhores iluminados capazes de guia a sociedade, ideais coletivistas que sufocam a individualidade, e, não menos importante, a crença na reedição da civilização através do imaginário de seus líderes.

Leandro Costa

O Eixo era algo fraterno ao socialismo, isso, senão consideramos como seus desdobramentos, entretanto, é mais fácil ignorar que na divisão da Segunda Guerra Mundial havia o bloco dos países livres, este sim à direita, como EUA, Inglaterra e outros. Os revolucionários vendem um inimigo, colocando como salvadores, sem o menor compromisso com aqueles que engana, como os que se intitulam defensores da democracia mas relativizam tal conceito para que suporte somente os seus aliados, uma ditadura falsamente legitimada por discursos encomendados junto aos acadêmicos artificiais e da propaganda orquestrada.

Durante o período conhecido como Guerra Fria, convencionou-se dividir as nações do mundo em três blocos, o chamado Primeiro Mundo era composto pelas nações desenvolvidas, com liberdade econômica e social, sendo países prósperos e livres, com alto índice de desenvolvimento humano, aspectos que os colocavam facilmente na mira dos invejosos e na posição de opressores em uma narrativa. O chamado Segundo Mundo englobava as nações socialistas, com economia planejada e pouca, ou nenhuma, liberdade, a qualidade de vida era solenemente ignorada quando tratavam de tal bloco, mas enfrentaremos isso a seguir.

O Terceiro Mundo, o que mais interessa no momento, era definido como o bloco dos países subdesenvolvidos, com baixa qualidade de vida, não importando as questões de liberdade econômica, política ou social. Assim, era de se presumir que tanto os dois primeiros blocos eram compostos de países desenvolvidos, sendo o fator que os diferenciava a liberdade, por outro lado, todos os países subdesenvolvidos eram alocados no Terceiro Mundo, em uma visão geopolítica, temos a figura do bloco oprimido.

A grande ilusão, no entanto, foi engenhosamente estabelecida quando da divisão dos países nos blocos, estratégia ainda em uso, uma vez que, aglomerar os países desenvolvidos e livres no primeiro bloco, poder-se-ia rotulá-los como opressores, relegando ao terceiro bloco os oprimidos, contudo, no que diz respeito ao Segundo Mundo, não se verifica o desenvolvimento ou a liberdade, bastando ser membro do bloco assumidamente socialista para pertencer a um patamar que não é alcançado pela opressão, tampouco, pratica tal mal face os mais fracos. Não havia a preocupação com a miséria e falta de liberdade no leste europeu, nas repúblicas soviéticas ou na Indochina, em verdade, não havia preocupação com as condições daqueles países e a desgraça trazida pelo socialismo restava encoberta por aquilo que se chamava “cortina de ferro”. [A Grande Fome de Mao e o Holodomor](#) foram amplamente negados, mesmo tendo ocorrido no epicentro das duas maiores nações socialistas que existiram, seja a União Soviética, da qual a Ucrânia era o segundo mais importante dentre os membros da confederação, bem como, o caso chinês que ocasionou a desgraça no mais populoso país sob um governo socialista.

Socialismo africano

Se a miséria e o autoritarismo no bloco socialista era encoberto, causando a impressão de que naquele sistema todos os países havia razoável conforto e liberdade, por outro lado, países que adotavam políticas socialistas eram alocados no Terceiro Mundo, atribuindo, tão somente à exploração capitalista as péssimas condições daqueles povos. Não raro era a exposição de imagens de indivíduos, por vezes crianças, subnutridos em países socialistas da África, acompanhadas de narrativas acusando as nações do chamado Primeiro Mundo por tamanha desgraça.

Não há como negar que a colonização daquele continente causou um grande estrago, entretanto, não se pode descartar dois fatores essenciais, em um primeiro momento a região ao sul do Saara era pouco desenvolvida quando da chegada dos europeus, descartando o mito do bom selvagem, é nítido que não se tratavam de civilizações prósperas, bem como, o fato de que muitas das nações africanas surgiram de forma artificialmente divididas, portanto, natural que eclodissem guerrilhas entre os grupos que

Leandro Costa

almejavam se estabelecer no poder, muitos dos líderes de tais grupos, assumiram um discurso de transferência de responsabilidade, atribuindo toda a mazela do continente aos europeus, enquanto fartavam-se do pouco produzido na região e de donativos com caráter de ajuda humanitária.

A guerrilha socialista tomou o controle daquele continente, sendo deixada sem segundo plano ao passo que era apresentado ao mundo o caos que os países exploradores impunham aos pobres africanos, logo, aos menos informados, devemos pontuar que à época a informação era centralizada em grupos de mídia que colaboravam com a narrativa, ainda que por omissão, a mídia mainstream deixava que, em geral, o mundo acreditasse que o continente africano era um grande engenho escravocrata do qual os europeu e americanos subtraíam tudo aquilo que era produzido pela população local, o nefasto regime soviético sequer era associado aos governos daqueles países.

No geral, os líderes guerrilheiros do continente africano adotaram [políticas socialistas](#) no afã de assumirem a postura anticolonialista no momento da chamada descolonização, uma forma de responsabilizar as potências europeias por todas as mazelas da África, assim, podiam ser péssimos governantes enquanto responsabilizavam o passado por questões que se perduravam durante suas gestões que, uma vez socialistas, estavam fadadas ao fracasso.

A [França](#) é um dos exemplos de potência europeia que, apesar da independência de suas colônias, continuou com clara política de exploração parasitária em relação à nações descolonizadas, todavia, não há como expandir tal postura aos demais casos, pois, muitos dos países europeus deixaram de manter relações de exploração com suas ex-colônias, que acabaram se deteriorando em razão de políticas socialistas. Não há como tratar do tema sem mencionar dois países africanos que podem, abertamente, creditar seu infortúnio aos líderes revolucionários e suas medidas, como de costume, translouçadas.

O Zimbábue sob a liderança de [Robert Mugabe](#), governante socialista que afundou o país na miséria, cometendo atrocidades que deixariam alguns radicas progressistas orgulhosos, uma vez que, acreditam ser o racismo um ato abjeto unilateral, sendo, na mente doentia dos revolucionários justificado quando as [vítimas não se enquadram no que consideram minorias](#).

No caso do genocida, no termo correto da expressão, Robert Mugabe, que, segundo relatos, *“Implantou um Apartheid reverso, proibindo que brancos tivessem direitos políticos e de propriedade. Calcula-se que dezenas de milhares de brancos foram exterminados sistematicamente pelas tropas do ditador”*, poder-se-ia afirmar que sua postura seria reverenciada por determinados agentes adeptos das pautas identitárias.

Outro caso emblemático é o da Etiópia, que nunca chegou a ser colônia, mas após a queda da monarquia se viu destruída pelo Dergue, uma coalizão militar socialista que massacrou o povo no

Leandro Costa

chamado Terror Vermelho e alastrou a fome em razão da sua política de reforma agrária, que, como na China de Mao, se provou como uma forma eficaz de destruir a produção de alimentos, causando o caos. As mazelas que afligem o povo etíope devem ser creditadas às políticas socialistas implantadas na Etiópia pelo Dergue e mantidas até os dias atuais, tanto que, o cargo de Primeiro Ministro daquele país é ocupado por Abiy Ahmed Ali, do Partido da prosperidade, que sucedeu a Frente Democrática Revolucionária Popular do Povo Etíope, grupo declaradamente marxista do qual o político era integrante.

Narcossocialismo latino-americano



Leandro Costa

Os países latino-americanos também foram enquadrados no bloco dos subdesenvolvidos, de fato, deveriam ocupar tal posição, uma vez que, pouco industrializados, empobrecidos e com pouca liberdade econômica e social, não caberia outro enquadramento durante o período da Guerra Fria. A grande maioria era governada por coalizões militares ou ditadores com inclinações de resistência ao socialismo soviético, não por afeição aos EUA, mas pela dependência econômica em relação ao país norte-americano.

A América Latina foi deixada como ponto de reserva no período da Guerra Fria pelo bloco liderado pelos EUA, resistindo as investidas socialistas de tomada de poder, de maneira que, no aspecto formal, tão somente no arquipélago de Cuba, tornando aquele país insular o único declaradamente socialista, entretanto, não ocorreu por descuido dos EUA, que até mesmo apoiaram a Revolução Cubana, uma vez que, não consideravam seus líderes como socialistas, de fato, se foram enganados ou se os revolucionários decidiram dar início ao enlace com os soviéticos após a chegarem ao poder, é uma questão controversa da qual não há como nos debruçarmos no momento.

Em verdade, as chamadas ditaduras latino-americanas do período da Guerra Fria foram apoiadas pelo chamado Primeiro Mundo como forma de manter as garras dos socialistas afastadas das nações subdesenvolvidas do continente americano, todavia, não há como acreditar que tal preocupação se estendia além de uma dança macabra geopolítica na qual a elite hoje conhecida como a financeira e intelectual, o socialismo fabiano, evitava que o eurasianismo assumisse o comando dos países latinos em seu detrimento.

A adoção do positivismo exacerbado nas instituições públicas transformaram nas em monstros burocráticos escravos de papéis, incapazes de discernir o óbvio quando isso for contrário ao impresso em seus códigos legais, cada vez mais distantes da realidade, somando-se a uma produção acadêmica que idolatra o cientificismo artificial do Primeiro Mundo e bajula ditadores do bloco socialista e sua falsa promessa de mundo ideal.

Nasce, das ditaduras positivistas, herdeiras do caudilhismo e amantes do relativismo, a guerrilha narcossocialista, decorrente do alinhamento da aristocracia socialista dos bancos acadêmicos que admiravam os guerrilheiros do período da ditadura e os marginais que passaram a culpar a sociedade por seu infortúnio. O criminoso tem a consciência de ser um indivíduo nocivo aos demais, entretanto, uma vez contaminado pelos ideais revolucionários, em especial, pelo relativismo moral, atribuirá à sociedade o fardo por suas ações, tentando transferir a culpa a terceiros.

Diverso do criminoso habitual, que sabe ser um transgressor por ter sucumbido aos vícios, como a ganância, a lasciva e outros, o guerrilheiro busca revestir sua conduta atroz de virtudes inexistentes, mas como é relativista, pode criar justificativas ao seu bel-prazer. Criando uma verdadeira horda de

Leandro Costa

guerrilheiros psicopatas que não assumem quaisquer remorsos por seus crimes, são indivíduos desprovidos de moral que admitem quaisquer medidas, por mais hediondas que sejam, para alcançarem seus propósitos espúrios.

A lumpenguerrilha narcossocialista é uma força desprovida de moral, logo, não se arrepende de qualquer mal que possa causar aos que considera obstáculo aos seus anseios, é capaz de se associar aos piores déspotas e adotar seu métodos. O lumpenguerrilheiro é a figura sem consciência, que não distingue o bem do mal, pois, considera que tudo é relativo, pensa somente em galgar o máximo de degraus que conseguir, não importa em quem precisa pisar para fazê-lo.

Lumpenguerrilheiros bradam que seus opositores não merecem anistia, esquecendo-se que seus líderes foram anistiados por ações mais graves, pedem por direitos humanos aos piores criminosos ao passo que negam o mínimo aos que desejam eliminar, mesmo, princípios basilares como o devido processo legal podem ser esmagados quando o alvo é um desafeto. Aplaudem violações que não suportariam e enaltecem práticas que qualquer um deveria reprovar.

A bestialização não se resume ao crime organizado, mas todo aquele faz coro aos desmandos da revolução dos bueiros, uma vez que, assumindo uma postura de “subelite”, vassala e invejosa em relação às demais, a lumpenguerrilha narcossocialista tornou-se algo muito maior que a simples guerrilha dos campos, como a do Araguaia, ou das favelas, como as facções que assombram as metrópoles brasileiras. As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, são reconhecidas como força política, participando de congressos e mesmo dando origem ao Partido da Força Revolucionária Alternativa do Comum, preservando sua sigla e identidade.

Cabe mencionar o poder de cinco organizações além das FARC que assumiram protagonismo na América Latina, sendo a primeira a Mara Salvatrucha, conhecida como MS-13, que tomou conta de El Salvador e tem grande influência, através de criminosos salvadorenhos, nos EUA, tratando-se de uma organização paramilitar extremamente violenta, cuja atuação resultou em uma resposta enérgica por parte do atual Presidente de El Salvador. O governo salvadorenho tem sido alvo de críticas sistêmicas por suas ações contra o crime organizado, especialmente em face da citada organização, o que deveria levar a reflexão acerca do alcance dos braços do grupo criminoso.

No México a narcoguerrilha se destaca através do Cartel de Sinaloa, também não é a única organização do tipo naquele país, entretanto, goza de tamanho poder que as áreas sob seu controle são de difícil atuação para o Estado, por outro lado, seus líderes são apresentados como figuras imponentes, sendo destacados como se fossem autoridades locais, criminosos como Joaquín Guzmán Loera, vulgo El Chapo, e Ismael Zambada, conhecido como Mayo, são como caudilhos daquelas terras.

Leandro Costa

Não há como mencionar as duas maiores facções brasileiras o Comando Vermelho, antiga narcoguerrilha do Rio de Janeiro, e o Primeiro Comando da Capital, atualmente a maior organização criminosa do tipo em atuação no país. As duas organizações criminosas controlam áreas nas duas maiores regiões metropolitanas do Brasil e, como de se esperar, ramificam-se por diversos cantos da nação, sendo violentas e ávidas pelo poder, impõe regras em seus domínios e, pode-se dizer até mesmo, que a soberania de cada uma delas é reconhecida em tais territórios.

As forças de segurança estatais enfrentam dificuldades para ingressar em áreas sob influência de tais facções, em alguns casos há decisões do próprio Estado no sentido de que forças policiais precisem de autorização de órgão de controle externo para adentrar nos territórios dominados pelo crime organizado, uma espécie de minimização de confronto em nome da incolumidade dos habitantes das regiões marginalizadas, relegando-os ao julgo da guerrilha.

A última, porém mais espantosa, entres as narcoguerrilhas latino-americanas é o não tão conhecido Cartel dos Sóis, nome original Cartel de Los Soles, que recebe tal nome em clara alusão às insígnias dos militares venezuelanos é a organização criminosa que se confunde com o próprio governo da Venezuela, haja vista que, não se trata de uma narcoguerrilha paramilitar, por ser, supostamente, liderado por militares de alta patente daquele país, logo, seria uma espécie de narco Estado que tem em sua estrutura, de forma não tão velada, integrantes da organização, o próprio Presidente Nicolás Maduro é acusado pelos EUA de integrar o Cartel dos Sóis. O General de Brigada Hugo Carvajal Barrios, conhecido como El Pollo, ex-diretor de contrainteligência militar da Venezuela, está preso por ser membro da organização e sua extradição foi requerida pelo governo dos EUA ao governo espanhol, o que foi autorizado pelo país europeu, em clara demonstração de que a Espanha reconhece o processo em andamento nos EUA como válido.

A farsa do Sul Global

Com a queda da nada saudosa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, marcando o fim da Guerra Fria, a divisão em três blocos na forma concebida por Alfred Sauvy caiu em desuso, justamente pelo fato de que as nações socialistas não tinham mais a “cortina de ferro” para encobrir a miséria e falta de liberdade, de maneira que outra forma de divisão deveria ser estabelecida.

Há quem ainda use os termos cunhados pelo economista francês, mantendo no chamado Primeiro Mundo os países desenvolvidos e no Terceiro Mundo os subdesenvolvidos, ressignificando apenas o conceito de Segundo Mundo para países emergentes, todavia, a nomenclatura mais aceita é os termos que

Leandro Costa

os definem, sendo assim, a atual divisão trata apenas como países desenvolvidos, emergentes e subdesenvolvidos.



A nova apresentação considera que o Brasil, por exemplo, tratando-se de um país emergente, figura junto com a Rússia e, acreditem, a China, segunda maior economia do mundo que é tratada como emergente, seja por considerarem fatores como a qualidade de vida ou renda *per capita*, afastando, convenientemente a ditadura da imagem de país desenvolvido, explorador e, por consequência, opressor. Nota-se que os países de desenvolvidos continuam praticamente os mesmos, todavia, a China não foi incluída em tal grupo, mesmo sendo a segunda maior economia, tendo grande capacidade industrial e tecnológica e praticando o expansionismo desenfreado.

Difícil saber se o país é considerado como emergente por mera liberalidade ou pelo fato de que uma ditadura socialista, por mais rico que o Estado seja, continua sendo uma nação em que o povo não aproveita da riqueza, servindo como massa aos membros do partido. O importante é verificar que a China, bem como, a Rússia não poderiam figurar entre os países que podem ser apontados como exploradores, não sendo observados como opressores.

Surge então mais uma narrativa doentia para criar uma espécie de conflito entre nações oprimidas e opressoras, uma farsa chamada de Sul Global, termo que ganhou notoriedade após ser usado em um

Leandro Costa

discurso da ex-presidente Dilma Rousseff em cerimônia de posse à frente do Banco dos BRICS, tentando justificar a existência de uma aliança entre aos países que compõem a sigla.

Evidente que o conceito de Sul Global não é uma invenção de ex-presidente e ela, de fato, quis tratar do tema, entretanto, é preciso apontar para desonestidade dos defensores de tal teoria, explicando através da premissa dos que criaram tal termo para, posteriormente, apresentar a contradição e o motivo de ser uma narrativa doentia com fundo unicamente ideológico.

Segundo o lumpesinato acadêmico, força idealizadora do conceito de Sul Global, trata-se de uma divisão de países essencialmente do hemisfério sul, todavia, não se resume a uma divisão geográfica entre hemisférios, sendo uma divisão geopolítica, entre países tradicionalmente desenvolvidos e opressores ao norte e oprimidos ao sul, mesmo que os pontos cardeais sejam apenas metafóricos, de maneira que a Coreia do Norte, mesmo estando no hemisfério norte, pertence ao Sul Global, enquanto a Austrália, pertence ao Norte Global. Trata-se de uma visão social, economia, cultural e até mesmo histórica.

A divisão, no entanto, é totalmente desonesta, haja vista que, por se tratar de um conceito relativista, permite que as fronteiras entre norte e sul sejam livremente movimentadas conforme os anseios daquele que se aproveita da narrativa, logo, a China, mesmo sendo a segunda maior economia do mundo, figura no lado sul e o leste europeu, massacrado pelas políticas socialistas ao lado norte. O lumpesinato acadêmico, valendo-se de um conceito abstrato sem quaisquer critérios além de seu desejo, conseguiu tratar os países da extinta Iugoslávia como privilegiados em se comparando aos Emirados Árabes Unidos.

A Ucrânia e Belarus também se encontram no norte desenvolvido e a Rússia, como algo ímpar, pode ser movida conforme o interlocutor, como o caso dos que saíram em defesa da ex-presidente, alegando que ex-república soviética, pode ser considerada em desenvolvimento, o que a colocaria no lado sul, ignorando que outras nações que integraram a famigerada confederação estão ao norte.

O único propósito da farsa do Sul Global é retirar da condição de nação opressora aquelas que o lumpesinato acadêmico pretende proteger de seu discurso fajuto de luta contra o imperialismo, conduzindo assim a lumpenguerrilha a adoção de uma postura contrária somente aos valores ocidentais, tratando como opressores os países desenvolvidos com características de nação ocidental.

O pior de todos os males

Assim como nos países africanos, a narcoguerrilha é formada pelo lumpemproletariado, não somente os marginais, mas todo o sistema que suporta tal grupo, incluindo a mídia mainstream local ambiciosa por fazer parte do processo de controle social e a uma falsa elite intelectual que admira a

Leandro Costa

essência do lumpenguerrilheiro, pois nada é além de um lumpesinato acadêmico, incapaz de produzir teses substâncias, abraça o relativismo para produzir acervo aos seus senhores que os recompensam com títulos de aduladores.



O lumpesinato acadêmico vê no marginal a última leva de revolucionários e não se olvida em usar uma horda que sabe ser desprovida de moral, portanto, assume o risco de alimentar os desejos de indivíduos bestializados em nome da revolução, expondo toda a sociedade às presas das feras sedentas de poder. Desprovido de moral e incapazes do arrependimento, devido ao relativismo, o lumpesinato acadêmico dos países outrora subdesenvolvidos importam todo o tipo de narrativa conveniente à revolução e rechaçando práticas que possam servir de obstáculo aos seus guerrilheiros.

Leandro Costa

A lumpenguerrilha latino-americana e africana é alimentada pela produção acadêmica e midiática degenerada e parasitária, que, diferente das elites globais, não guarda fé ou ambição que não seja negociável. O lumpesinato acadêmico não se move por uma força maior como o Califado, não considera seu povo como merecedor de um destino melhor como os eurásianos, tampouco, pretende subverter o seu modo de vida em nome do controle social como a elite financeira e intelectual, são tiranos que venderiam a própria mãe e deixariam seus compatriotas entregues ao caos, como gafanhotos que destroem a lavoura e rumam para outras terras de barriga cheia.

A lumpenguerrilha é violenta e bestial, mas aqueles que a suportam são talvez figuras ainda mais doentias que entregam seu povo à danação em troca de poder. A guerrilha tem se associado a tudo aquilo que julga benéfico e expõe suas garras conforme se sente confiante para pleitear seu lugar entre as demais elites preestabelecidas.

Abraçando as pautas dos “despertos” (woke), mesmo nutrindo ojeriza pela maioria delas, o discurso contrário à civilização ocidental, valores judaico-cristãos, e, aquilo que chamam de anti-imperialismo, somente face às intervenções de nações ocidentais, posto que, se a ocupação econômica e cultural se der por nação inclinada ao eurásianismo ou ao Califado, serão bem-vindas pelos lumpenguerrilheiros e o lumpesinato acadêmico, como forma de desestruturação das sociedades latino-americanas e africanas.

A guerrilha sonha com o poder de forma irresponsável, através do caos e desespero vê a oportunidade para pôr em prática a revolução, não é intelectualmente desenvolvida para convencer os indivíduos sem o controle da informação, por isso luta pelo monopólio da comunicação, igualmente, não tem a disciplina dos eurásianos para tentar se impor diante das demais elites e não guarda a fé do Califado para fortalecer seus soldados, assimilando quaisquer narrativas que lhes sejam proveitosas.

O lumpesinato acadêmico, merece tal nomenclatura, por ser um trapo incapaz de produzir avanços intelectuais, tornando-se um arremedo daquilo que deveria ser uma academia, festejando seus títulos autoconcedidos em nome da soberba, vagam por corredores de estruturas que parecem feitas para grandes pensadores quando se tornaram prédios sem alma, quando não nasceram assim, criando mais acadêmicos de trapos que precisarão se manter tão somente escorados sobre uma produção acadêmica plastificada que serve à tentativa de justificar a lumpenguerrilha como algo moral e necessário.

Os artífices da degeneração sonham com um mundo no qual a sua força permita corromper ou eliminar todo aquele que não comungue de seu desprezo pela realidade e a moral.

O Rei de Espadas é não sente culpa, não tem remorso ou arrependimento, renunciou sua humanidade em troca de poder.

Gogue & Magogue

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize”. (João 14:27)



Em 7 de outubro de 2023, mais uma peça do quebra-cabeça apocalíptico foi posicionada. O ataque perpetrado pelo grupo terrorista Hamas contra cidadãos civis a partir da fronteira com a Faixa de Gaza causou mortes e resultou no sequestro de tantas outras vítimas inocentes. Tais fatos, apesar de profundamente tristes e lamentáveis, não podem mais ser encarados como novidades. Os conflitos entre israelenses e fundamentalistas têm deixado rastros de sangue e morte. Infelizmente, há algo que, ainda que não seja tão terrível quanto aqueles conflitos, tem causado profundos danos à percepção e compreensão da realidade: a desinformação – aparentemente proposital – que tem sido promovida por meios de comunicação, governos e entidades não governamentais. Os “consumidores” daquela desinformação são as pessoas comuns, vulgarmente representadas em seu conjunto como “opinião pública”.

Em nossas pesquisas, encontramos dificuldades para encontrar referências ao 7 de outubro quando partimos das notícias mais recentes sobre o conflito. Apenas quando pesquisamos notícias referentes diretamente àquela data é que encontramos as reportagens. Assim, percebemos que para o leitor comum e desavisado, a imagem que facilmente se delineia é a de que Israel tem atacado indiscriminadamente e injustificadamente a população palestina. Infelizmente, a campanha difamatória

Maurício Motta

contra Israel não tem respeitado a História nem a memória dos fatos (alguns bem recentes).

As tentativas por parte de Israel para chegar a um acordo com os grupos que supostamente defendem os interesses do sofrido povo palestino são antigas. Muitas vezes as mesas de negociação foram campos de batalha e, ao menos uma vez foi abandonada, mas não por Israel. Muitos governantes buscaram intermediar acordos sem obter sucessos duradouros. No entanto, a imagem que persiste é a de um Estado tirânico que não respeita mulheres, crianças, idosos, hospitais, escolas, civis – um Estado que é acusado de praticar genocídio contra um povo. O Estado é o de Israel, o povo é o palestino.

Não resta dúvida de que é necessário resgatar a verdade, e apresentar uma linha do tempo que traga luz aos fatos, dando condições de demonstrar que Israel tem buscado a paz, mas vem sendo tolhido repetidamente.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, representantes sionistas e árabes palestinos participaram da Conferência de Paz de Paris para discutir o futuro do Mandato Britânico na Palestina. No entanto, as divergências sobre o estabelecimento de um Estado judeu na região resultaram em falta de acordo.

Em 1947, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Resolução 181, que propôs a partilha da Palestina em dois estados independentes: um estado judaico e um estado árabe. Os líderes judeus aceitaram o plano de partilha, mas os líderes árabes rejeitaram-no, argumentando que era injusto para os palestinos e violava seus direitos. Isso resultou em conflitos armados, incluindo uma guerra civil na Palestina e, posteriormente, na Guerra Árabe-Israelense de 1948, que teve início logo após a declaração de independência de Israel em 14 de maio de 1948.

O Plano Rogers, proposto pelo Secretário de Estado dos Estados Unidos, William P. Rogers, em 1970, incluía disposições relacionadas aos palestinos e à questão dos territórios ocupados. O plano buscava estabelecer um acordo de paz abrangente entre Israel e os países árabes, que incluiria uma solução para o conflito israelense-palestino.

Embora o Plano Rogers tenha se concentrado principalmente em facilitar um acordo entre Israel e os países árabes, ele reconheceu a importância de resolver a questão palestina como parte integrante de uma solução abrangente para o conflito no Oriente Médio. No entanto, o plano não teve sucesso em produzir um acordo duradouro entre as partes envolvidas.

Os Acordos de Camp David foram negociados durante uma cúpula histórica realizada em Camp David, Maryland, Estados Unidos, em setembro de 1978. A cúpula foi mediada pelo presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, e envolveu o presidente egípcio Anwar Sadat e o primeiro-ministro israelense Menachem Begin.

Os Acordos de Camp David estabeleceram os princípios básicos para uma resolução pacífica do conflito israelense-palestino e do conflito israelense-egípcio. Eles incluíram um compromisso para

Maurício Motta

negociar uma solução autônoma para os palestinos e o retorno do Sinai ao controle egípcio.

Embora os Acordos de Camp David tenham estabelecido uma base para a paz, eles não resultaram em um acordo abrangente sobre os territórios palestinos ou sobre o status final de Jerusalém.

Os Acordos de Oslo, assinados em 1993 entre Israel e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), liderados respectivamente pelo então primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin e Yasser Arafat representaram um avanço significativo. Esses acordos estabeleceram um processo de paz gradual e a autonomia palestina em partes da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. No entanto, as negociações subsequentes enfrentaram obstáculos, e um acordo final abrangente não foi alcançado. Por um lado, Israel relutava em conceder novas áreas temendo a continuidade dos ataques terroristas a seu território e cidadãos. Por outro lado, a OLP questionava a expansão dos assentamentos judeus em áreas da Faixa de Gaza e Cisjordânia o que representaria uma ameaça à autonomia palestina.

A Cúpula de Camp David, ocorrida em julho de 2000, foi uma nova tentativa histórica de alcançar a paz entre Israel e os palestinos. Aquele encontro crucial, mediado pelo presidente dos Estados Unidos na época, Bill Clinton, reuniu o líder palestino Yasser Arafat e o primeiro-ministro israelense Ehud Barak em uma busca por um acordo abrangente para resolver o conflito de décadas no Oriente Médio.

As negociações durante a Cúpula de Camp David foram intensas. Sob a mediação dos Estados Unidos, Arafat e Barak discutiram questões cruciais, incluindo o status de Jerusalém, os refugiados palestinos, as fronteiras e os assentamentos israelenses nos territórios ocupados. Todavia, Arafat abandonou a mesa de negociações da Cúpula de Camp David, apesar de Israel ter oferecido concessões territoriais significativas aos palestinos. Durante as negociações em Camp David, o primeiro-ministro israelense Ehud Barak fez uma oferta que incluía a proposta de estabelecer um estado palestino em mais de 90% da Cisjordânia e parte da Faixa de Gaza, além de propor um acordo sobre o status de Jerusalém. Arafat recusou a oferta, citando preocupações com a soberania palestina, a questão dos refugiados palestinos e o status de Jerusalém. A recusa de Arafat em aceitar a oferta de Barak foi seguida pelo início da Segunda Intifada, um período de violência intensa entre israelenses e palestinos que eclodiu em setembro de 2000.

A Conferência de Annapolis, ocorreu em 27 de novembro de 2007 na academia naval norte-americana, em Maryland, Estados Unidos, e buscou reviver as negociações de paz entre Israel e a Autoridade Palestina. Embora tenha proporcionado mais um fórum para o diálogo, as negociações subsequentes não produziram resultados significativos pois, como em uma reprise de um antigo filme, agora remasterizado, as mesmas questões fundamentais entravaram qualquer avanço.

Em 29 de julho de 2013, o então Secretário de Estado dos EUA, John Kerry, liderou as

Maurício Motta

“*Conversações de Paz entre Israelenses e Palestinos*”, mais uma iniciativa de paz. No entanto, as negociações estagnaram em razão das mesmas questões já citadas.

Alcançamos 2020 e observamos os Acordos de Abraão, que foram uma série de acordos de regularização das relações entre Israel e alguns países árabes. Esses acordos foram mediados pelos Estados Unidos sob a administração do presidente Donald Trump e envolveram os Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Sudão e Marrocos.

Os Emirados Árabes Unidos e Bahrein foram os primeiros países a formalmente normalizar suas relações com Israel em agosto e setembro de 2020, respectivamente. Ambos os países concordaram em estabelecer relações diplomáticas plenas, incluindo a abertura de embaixadas, cooperação em diversas áreas, como tecnologia, turismo e segurança, além de permitir voos diretos entre os países.

O Sudão também anunciou sua intenção de retomar as relações com Israel. Os dois países concordaram em cooperar em várias áreas, incluindo agricultura, comércio e segurança. Seguindo a mesma Linha o Marrocos também anunciou sua intenção de retomar as relações com Israel.

Os Acordos de Abraão representaram um avanço significativo rumo à paz na região do Oriente Médio, muito embora não tenham abordado diretamente a questão do conflito israelense-palestino, eles tiveram várias implicações que poderiam potencialmente impactar positivamente a situação dos palestinos pois representaram uma mudança significativa na abordagem dos países árabes em relação a Israel. Anteriormente, a questão das relações bilaterais era amplamente condicionada a um acordo de paz abrangente que incluísse os palestinos. No entanto, os Acordos de Abraão indicaram uma disposição de alguns países árabes em estabelecer relações com Israel independentemente do progresso no processo de paz israelense-palestino. De certo modo esta quebra de paradigma poderia indicar alguma validação dos esforços israelenses frente aos palestinos.

Diante das longevas e persistentes tentativas de alcançar um acordo de paz, mediadas por diversos líderes, em princípio se tornaria incompreensível que a questão israelense-palestina não tivesse chegado a bom termo, principalmente quando considerássemos a oferta de terras na Cúpula Camp David. Mas para alcançar uma melhor compreensão é necessário observar as influências e interesses exteriores aos acordos de negociação entre os dois povos.

É conhecida a hostilidade de setores fundamentalistas islâmicos em relação a Israel e à sua própria existência como um povo ou Estado. O Aiatolá Khomeini que esteve à frente do Irã entre 1979 e 1989, declarou certa vez que Israel era “*inimigo do islã*” e comumente costumava chamar Israel de “*Pequeno Satã*”. A sombra de Khomeini parece se manter onipresente sobre a mentalidade das atuais lideranças iranianas. O Aiatolá Ali Khamenei, atual líder supremo do Irã, mantendo a mesma linha de seu antecessor - Khomeini - se referindo a Israel afirmou em 2012 que Israel é uma “*excrescência*

Maurício Motta

artificial no Oriente Médio que irá desaparecer”. Disse ainda que a “estrela da esperança (...) também irá brilhar pelos palestinos e sua terra islâmica será devolvida definitivamente à nação palestina”.

O ex-presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, afirmou em 2010 que “*as negociações de paz entre Israel e palestinos são fúteis e condenadas ao fracasso*”, acrescentando que “*o destino da Palestina será decidido na Palestina e por meio da resistência, e não em Washington*”. Para um bom entendedor, suas falas transmitiam a seguinte mensagem: não há qualquer intermediação, não ao diálogo, sim ao conflito armado.

A paz que Israel busca, aquela recitada em Salmos 122 6:7 “*Orai pela paz de Jerusalém; prosperarão aqueles que te amam. Haja paz dentro de teus muros, e prosperidade dentro de teus palácios*”, aquela paz aparentemente está reservada ao futuro, não exclusivamente pela ação dos homens que a buscam, mas pela intervenção do Criador. A mão de Israel tem se estendido à paz, o que não impede que suas mãos também lutem pelo seu direito de defesa e instinto de autopreservação. Outras mãos renegam a paz e dela fogem. A luta travada pela causa palestina não é a luta pelos palestinos, é definitivamente a luta contra Israel. Pactuam, articulam, conspiram pela eliminação da “figueira”, conscientes de que o frágil poder humano tem prazo de validade, e agora o seu tempo é curto. Se todos os acordos humanos falharam até aqui, se todos os esforços foram vãos, se os inimigos cercam as muralhas de Israel, é sinal de que a verdadeira paz se aproxima.

“ (...) Virás, pois, do teu lugar, do extremo norte, tu e muitos povos contigo, montados todos a cavalo, grande ajuntamento, e exército poderoso, E subirás contra o meu povo Israel, como uma nuvem, para cobrir a terra. Nos últimos dias sucederá que hei de trazer-te contra a minha terra, para que os gentios me conheçam a mim, quando eu me houver santificado em ti, ó Gogue, diante dos seus olhos.

Assim diz o Senhor DEUS: Não és tu aquele de quem eu disse nos dias antigos, por intermédio dos meus servos, os profetas de Israel, os quais naqueles dias profetizaram largos anos, que te traria contra eles?

Sucederá, porém, naquele dia, no dia em que vier Gogue contra a terra de Israel, diz o Senhor DEUS, que a minha indignação subirá à minha face.

Porque disse no meu zelo, no fogo do meu furor, que, certamente, naquele dia haverá grande tremor sobre a terra de Israel” (...) (Ezequiel 38:15-19)

Que venha a paz! Shalom!

Juliette Oliveira

Eu, por outro lado, tive uma mãe “dona de casa”. Alguém que dedicava 100% do tempo na educação das filhas, ao menos, se acreditava nisso. Minha mãe ficava com a avó materna para a mãe dela trabalhar. Meus avós paternos não tinham uma vida muito fácil. Ambos precisaram trabalhar para terem suas conquistas. Parece que minha mãe nunca gostou muito dessa situação. Cresci ouvindo “agradece a Deus por ter uma mãe que pode levar vocês onde querem, eu não puder ter isso”. Minha mãe nunca pareceu uma pessoa muito feliz.

Eu conheci meu esposo na faculdade. Me formei em engenharia, comecei a trabalhar na área e hoje posso dizer que tenho reconhecimento na minha profissão. Meu marido desistiu da faculdade, focou em gestão de empresas na área de TI, entre altos e baixos conseguiu se tornar diretor em uma firma renomada.

Eu me anulei algumas vezes para ele se alavancar, hoje, temos uma vida confortável. E aprendemos que a conquista de um, é a conquista de ambos. Nosso filho de dez anos ficou uns 6 anos com as avós para que nós tivéssemos uma vida confortável. Na minha opinião, foi a pior fase da vida dele e da minha.

Mudamos nossa rotina, em 2020, para que não dependêssemos de terceiros. Afinal, tínhamos avançado economicamente. Meu filho passou a nos ter mais. Então, veio a pandemia e entramos em regime home-office. Ficamos mais presentes como família. Mesmo trabalhando de casa, nosso filho precisou aprender a nos dividir e nós precisamos aprender a ficar mais junto dele mesmo em meio há mil reuniões.

Nossa rotina ficou mais família e, então, ousamos dar um irmão para ele. Perdemos a primeira gestação do caçula. Sofremos. Choramos. Entendi melhor o valor da vida. No final de 2023, nasceu nosso caçulinha. E porque depois de tanto tempo embarcamos nessa? Porque somos mais presentes.

Família é um dom sagrado. Não começa em qualquer de repente. Filhos são bençãos de Deus e devemos zelar e os proteger. Homem e mulher possuem seus papéis e suas funções na sociedade.

A tão sonhada conquista econômica da figura feminina nos sobrecarregou. Particularmente, consigo equilibrar meus pratinhos. Mas foi puxado e muitas vezes, fiquei triste em não estar presente para meu filho mais velho.

O tal dia internacional da mulher comemorado no dia 8 de março é passado como um dia de representação de luta histórica das mulheres por igualdade. Segundo algumas fontes surgiu após vários acontecimentos como:

1. ****Protesto “Pão e Paz”****: Em 8 de março de 1917, milhares de mulheres na Rússia protestaram por melhores condições de trabalho e de vida, lutando contra a fome e a Primeira Guerra Mundial.

Juliette Oliveira

2. ****Greve na Triangle Shirtwaist Company****: Em 1908, mulheres que trabalhavam nesta fábrica de confecção de camisas em Nova York fizeram greve para reivindicar melhores condições de trabalho, diminuição da carga horária e aumento de salários.
3. ****Incêndio na Triangle Shirtwaist Company****: Em 25 de março de 1911, um incêndio nesta fábrica matou 146 pessoas, a maioria mulheres. Este evento trágico levou à reformulação da legislação de segurança contra incêndios e à revisão das leis trabalhistas.
4. ****Oficialização pela ONU****: A Organização das Nações Unidas oficializou o 8 de março como o Dia Internacional da Mulher em 1975.

O Dia Internacional da Mulher é considerado por uma grande maioria uma data importante que celebra conquistas sociais, econômicas, culturais e políticas das mulheres ao longo da história. No entanto, ao refletirmos sobre essa data nos deparamos com algumas questões:

1. **Perspectiva política ou ideológica**: essa data muitas vezes contém da ideologia ou viés político para promover pautas de esquerda.
2. **Visão de igualdade**: embora algumas pautas feministas gostem de divulgar que pregam a igualdade, na verdade, os discursos promovem superioridade feminina em detrimento ao masculino.
3. **Crítica ao comercialismo**: assim como outras datas comemorativas, o Dia Internacional da Mulher tem sido criticado por sua crescente comercialização.
4. **Promoção de outras causas**: alguns grupos se aproveitam das conquistas femininas para se promoverem, como revistas femininas tendo em sua capa figuras trans.

Também é importante destacar que a entrada das mulheres no mercado de trabalho teve um impacto significativo na economia e no modo de vida ocidental. A entrada das mulheres no mercado de trabalho aumentou a força de trabalho disponível, o que levou a um aumento na produção econômica. Com mais mulheres ganhando renda, os padrões de consumo mudaram, potencialmente levando a um aumento na demanda por certos bens e serviços. Com mais famílias de dupla renda, a concorrência por recursos (como moradia) pode ter aumentaram, o que pode levar a um aumento no custo de vida.

É importante notar que a relação entre a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a inflação é complexa e pode ser influenciada por uma variedade de outros fatores econômicos e sociais.

A Falácia da Desigualdade Salarial de Gênero

A desigualdade salarial de gênero é um tópico complexo e muitas vezes mal interpretado. A afirmação de que as mulheres ganham menos do que os homens para realizar o mesmo trabalho é frequentemente citada, mas essa simplificação é enganosa. Vamos há alguns exemplos:

Juliette Oliveira

1. ****Escolha de Profissões****: As mulheres tendem a se concentrar em ocupações que remuneram menos. Além disso, as mulheres são sub-representadas em áreas de Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemática (CTEM), que geralmente pagam mais. Geralmente, as mulheres não se identificam com a área de exatas.
2. ****Jornada de Trabalho****: As mulheres tendem a trabalhar menos horas do que os homens e interrompem suas carreiras com mais frequência, o que pode afetar seus ganhos. Podemos enumerar várias causas, mas algumas vezes o lado materno fala mais alto que o profissional.

Vamos agora para a verdade dos fatos... O primeiro dia das mulheres que temos notícias foi organizado pelo Partido Socialista das Américas, em NY, 1909. Em 1910, durante a conferência feminina do grupo político Internacional Socialista, criado por Friedrich Engels, a ativista Clara Zetkin sugeriu que a data fosse comemorada todos os anos.

O famoso incêndio na fábrica Triangle Shirtwaist Company, por muitos anos foi repercutido como algo intencional para matar as mulheres da fábrica. Mas devemos lembrar que naquela época não existiam as seguranças nas fábricas como hoje em dia e esses acidentes eram corriqueiros.

Contudo, essa bandeira é uma ótima oportunidade para expor a contradição das feministas. Se o dia 8 de Março foi criado em 1975 para incentivar o avanço da mulher no mercado de trabalho, como em 1911 já havia acidente de trabalho com mulheres? É verdade que as mulheres passaram a trabalhar fora de casa durante e pós a Primeira Guerra Mundial. Mas a 1ª Guerra Mundial começou apenas em 1914.

No fundo, nenhuma feminista quer igualdade com os homens e nem os mesmos direitos. Elas querem privilégios. Eu nunca vi passeata pelo direito das mulheres prestarem serviços militares.

A grande verdade é que a sociedade ocidental caminhou para um padrão de família. Sem a presença feminina com os filhos, esses filhos ficam abandonados. Estou levantando a bandeira de mulheres larguem seus empregos e fiquem em casa? Bem... Isso é algo muito particular e a verdade exposta acima é que com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, o padrão de vida de hoje é para, pelo menos, duas rendas familiares. Isso já aconteceu e não vai mudar mais.

Em suma, nossas opções são escolher viver com menos, trabalhar dobrado ou aprendermos que ambos são patrocinadores e responsáveis pela criação dos filhos ao mesmo tempo. A escolha de como lidar com isso será sua! O jogo já começou e você nem notou.

A Rocha



A palavra ROCHA integra o meu sobrenome. Durante o último mês, refleti sobre isso, após uma noite em que essa ideia fixa, de escrever sobre A Rocha, não me saía da cabeça. A princípio, entendi que era porque eu deveria render um tributo à minha família paterna, de quem herdei-o. Mas então, um acontecimento me fez perceber a razão verdadeira...

Tenho me aproximado muito de Deus. Seja indo à missa, rezando pela manhã e à noite, ou tentando compreender que é preciso confiar na Sua vontade, todos os dias vou percebendo “pequenos milagres”, os quais me passavam despercebidos antes.

E a revelação sobre o pensamento obsessivo a respeito desse tema, me veio por um salmo da bíblia, que me foi enviado pela minha nora – o Salmo 28 – “a ti clamarei, ó Senhor, Rocha minha...” assim se inicia. Assim mesmo, com a palavra Rocha em maiúsculas, tal como eu havia pensado nela, durante a madrugada.

A mensagem mais forte que se depreende deste salmo é a de que Deus é nossa força e nosso escudo. Logo, devemos confiar e entregar nossas angústias e aflições em suas mãos. Igualmente nossas alegrias e

Erika Figueiredo

vitórias. Portanto, quando eu pensei n'A Rocha, não era sobre o meu nome de família que meu inconsciente falava, mas sim sobre Deus.

Assim como esta, muitas outras provas tenho recebido. Deus se manifesta para nós por palavras, pessoas e acontecimentos. Se estivermos atentos, perceberemos, em meio a nossa atribulada rotina, o que Ele quer nos mostrar.

Eu nunca fui muito católica, não praticava a religião, não ia à missa, rezava de qualquer jeito por dois minutos, na hora de dormir. Porém, a adoção de alguns hábitos diários tem feito de mim uma pessoa mais paciente, menos ansiosa, mais sábia. A oração, por si só, pode fazer maravilhas por nós, aprimorando nossas virtudes e transformando-nos em criaturas melhores.

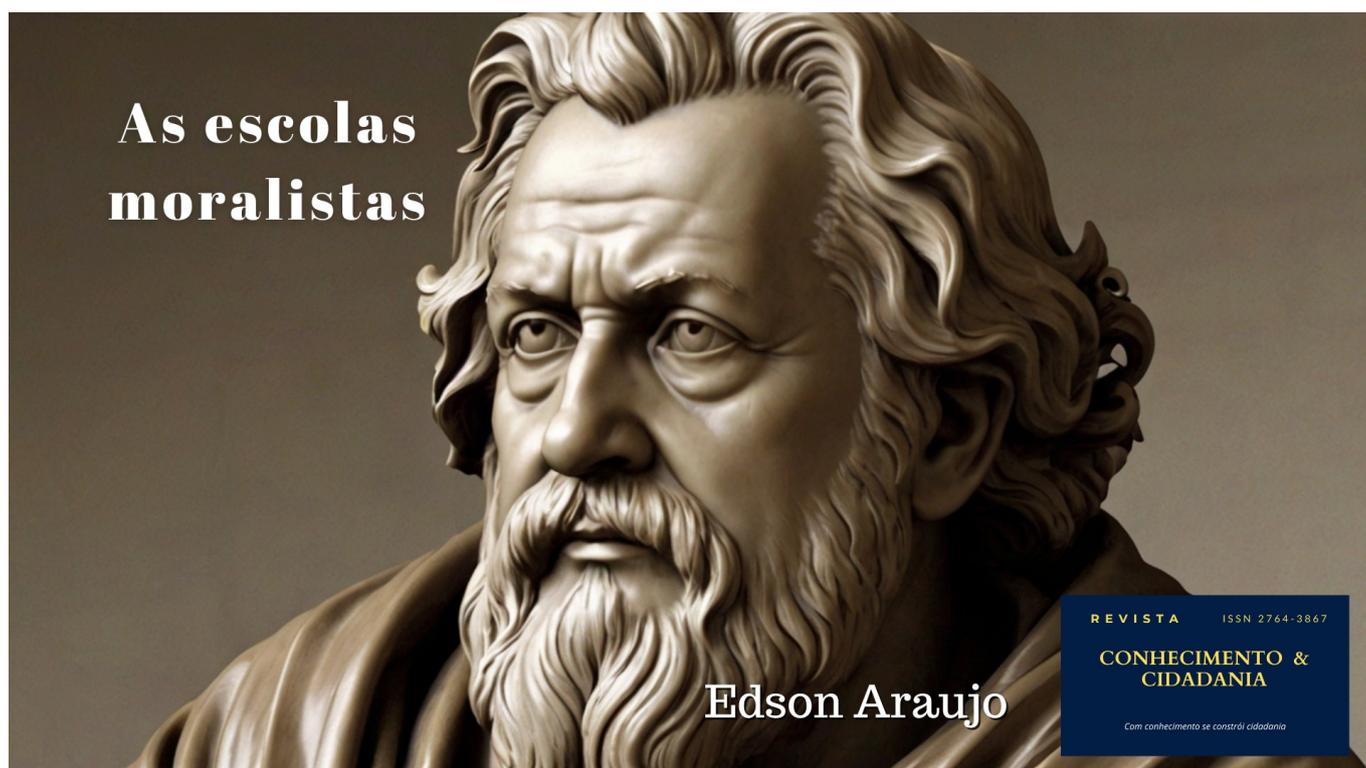
Essa é a primeira vez que vivo a Quaresma, fazendo exames de consciência diários, dedicando um tempo de meus dias à oração, indo à missa e buscando fazer compromissos pessoais de aprimoramento, em comportamentos que me incomodavam e que eu precisava modificar.

Tenho dormido melhor, me sentido mais conectada e mais presente em tudo que faço, buscando evoluir e entender o que Deus espera de mim. É fácil: evidente que não. Os desafios são inúmeros. Mas esse é o depoimento de alguém que nunca se preocupou com nada disso, mas percebe maravilhas em sua vida, pela adoção de uma nova atitude.

Desejo a todos uma reflexão sobre a Páscoa, a presença de Deus em suas vidas e o que Ele quer de cada um de nós. Na medida em que vamos cortando na própria carne, removendo o véu e percebendo o que é possível fazer diferente, um mundo novo se descortina para nós.

A Rocha, a fortaleza de minha vida, muito embora o meu sobrenome sinalize isso, não está em mim, mas vem do Alto, pois Deus me ama e me protege de todo mal.

As escolas moralistas



O objetivo do texto é suscitar reflexões sobre nosso momento histórico.

Em toda a Grécia, após o afastamento dos filósofos dedicados à metafísica, como Platão, Sócrates, Aristóteles e Alexandre Magno, um fenômeno muito importante se dá por causa da decadência dos valores humanos. Vamos aos fatos:

Com o afastamento de Platão e Aristóteles e o fracasso de Alexandre Magno na tentativa de um império universal, o mundo grego se depara com sérias consequências que quebraram de maneira irreversível o esquema de vida que o havia sustentado durante séculos anteriores.

Sem respostas para suas dúvidas vitais, suas decepções e sua necessidade de fundamentar-se em um ideal de vida à maneira clássica, restava apenas o intelectualismo, já que os sistemas religioso e político já não supriam a crescente angústia do homem, voltando-se apenas às suas necessidades presentes.

É assim que nesta época vem surgir a necessidade de uma vida ética deixando de lado os conceitos superiores ou espirituais.

Uma das grandes críticas da época é a inferioridade dos conceitos das escolas Morais em relação aos aspectos metafísicos ou espirituais embora inferiores em seus significados conseguiram suplantar no interior busca da verdade com total êxito durante muito tempo.

É importante ressaltar que este é o efeito do desinteresse por temas mais elevados onde não há espaço para o materialismo ou a sua presença é a menor possível.

Edson Araujo

Também é importante lembrar que as doutrinas de Sócrates, Platão e Aristóteles, estavam presentes, mas a inteligência dos homens da época não eram aptas para captá-las.

Na tentativa de fazer algo para continuar em alguma medida em contato com os valores próprios do ser humano.

Assim nascem as escolas moralistas que vão propôr na vida prática o estabelecimento da ética/moral, como tentativa de manter a dignidade e a evolução dentro de um contexto histórico decadente.

Um destes fenômenos foram os cínicos.

Antístenes, tinha como base o total desvinculamento das instituições, como a família e o estado.

Viviam como mendigos, muitas vezes e levando no alforje apenas um pedaço de pão e uma vasilha para tomar água.

Eram radicais na prática do afastamento dos bens materiais e para eles o único bem era a virtude; tudo mais merecia total desprezo. Dizia Antístenes: " Antes enlouquecer que ter prazer"

Este comportamento lhes rendeu a crítica de Platão em seu diálogo, Teeteto, que referiu-se à eles como “homens não crêem que exista nada mais além de que se pode apertar com a mão cheia.”

Um outro movimento, o dos Cirenaicos, teve como líder Arístipo de Cirene.

Estes, por sua vez, aceitavam os prazeres materiais desde que não fossem desmedidos e não possuíssem ao homem.

Dizia Arístipo: “Possuo, não sou possuído”. Dizia também que o fim do homem não é a felicidade, mas o prazer, e o prazer uma vez dominado traria uma liberdade espiritual para o homem.

Se nos dedicarmos a ler sobre estes movimentos, veremos a quantidade de absurdos que eles promoveram com a melhor das intenções.

Um exemplo, foi Diógenes de Atenas que vivia como mendigos e morava em um barril.

Certa vez, diante de Alexandre o grande, teve a chance de obter o que quisesse, porém diante da oferta de Alexandre, pediu apenas que não atrapalhasse a luz do sol, pois o imperador estava fazendo sombra.

Onde pretendo chegar apresentando esse fato histórico?

Quando deixamos de lado os valores mais elevados de nossa sociedade, não estamos livres das consequências que serão um efeito natural.

Assim como quando não nos alimentamos adequadamente deixando de lado os alimentos com alto valor nutricional, adoecemos como resultado, o abandono dos valores éticos, adoecemos nossa sociedade, pois são eles os nutrientes da moral.

E como já menciona a Bíblia sagrada em Salmos 42: 7

Edson Araujo

“Um abismo chama outro abismo”.

Da decadência dos valores morais surgem doenças como a tirania, o fanatismo, a corrupção, a ditadura e o desejo de eliminar qualquer um que seja uma ameaça a essas doenças, pois os altos valores da sociedade agem como anticorpos; então são identificados como inimigos.

Essas doenças, uma vez encarnadas em uma pessoa, fará dela seu servo, como um zumbi que a gente sem pensar sempre em prol de sobreviver no organismo que no caso é a sociedade.

Se o que te foi apresentado te lembra ou te faz relacionar a algo, não é mera coincidência. Pois assim são os movimentos naturais da vida.

Se houver uma lacuna, ela será ocupada pelo ocupante mais próximo e será o resultado das ações anteriores.

Pensemos sobre isso e qualifiquemos nossos pensamentos e ações, não abandonando os altivos valores da vida, pois nada é impune.

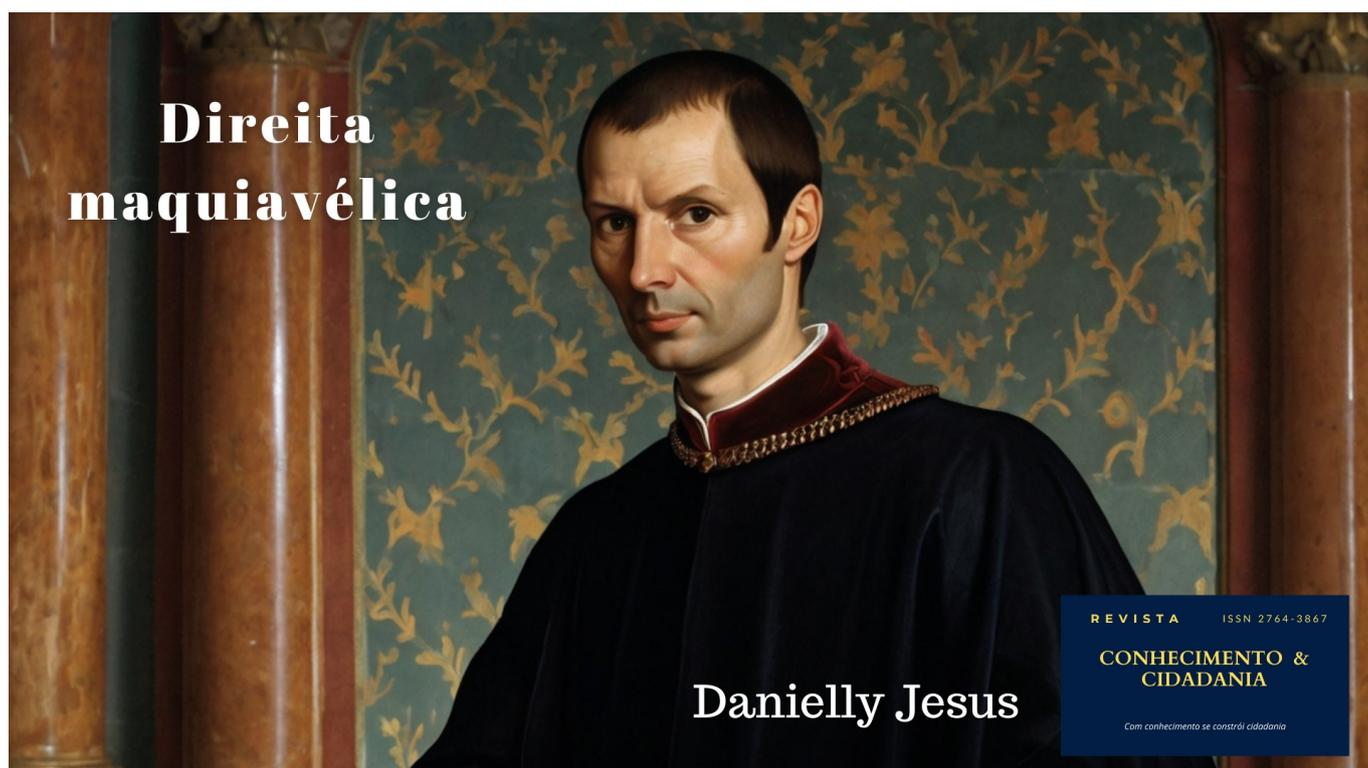
Deus abençoe nossa jornada!

REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Inscreeva-se no
canal!**

Direita maquiavélica



Creio que o leitor já ouviu alguma vez na vida a expressão “*Os fins justificam os meios*”; ao pesquisar, descobri que ela é atribuída a Nicolau Maquiavel, contudo ele nunca disse isso *ipsis litteris*, embora seja uma *paráfrase* dele – uma nova afirmação do sentido de um texto ou passagem usando outras palavras.

A expressão, embora não seja de Maquiavel, foi a que fez com que seu sobrenome fosse associado a algo ruim, maligno: maquiavélico; mas, não é de todo sem propósito. No capítulo 17, o autor trata de uma questão interessante: se, para um príncipe, é mais vantajoso ser amado ou temido. E para Maquiavel, ser temido é melhor.

O exemplo que o autor traz é de *César Bórgia*, o filho mais tirano de *Rodrigo Bórgia (Papa Alexandre VI)*. Maquiavel explica que Bórgia, o filho do Papa, foi considerado por muitos como cruel, mas que suas atitudes conduziram a Romanha à paz.

César Bórgia é a encarnação da expressão “*Os fins justificam os meios*”. Para conseguir o que queria, assassinou um de seus irmãos, manteve relações sexuais com sua cunhada e eliminou o marido de sua irmã, Lucrécia. Vale ressaltar que César era apaixonado por ela. Ele também foi o idealizador do “*Banquete das Castanhas*”, uma orgia tamanha que deixaria as prostitutas de Pompeia embasbacadas.

Danielly Jesus

Um dos métodos favoritos de César para livrar-se de seus desafetos era o veneno. Ninguém sabe quantas vítimas morreram com um cálice nas mãos, o som de um brinde nos ouvidos e a face sorridente de um Bórgia desvanecendo ante os olhos. E esta sede de manter-se no poder a todo preço custou a vida de seu pai: Rodrigo Bórgia morreu envenenado ao tomar um cálice que era destinado a um inimigo de César.

Talvez o leitor se questione: “*Mas o que a direita tem a ver com isso?*” Infelizmente, muita coisa. Com o passar dos anos, o grupo que deveria ser formado por pessoas honestas foi envenenado por ideias revolucionárias.

Trago como exemplo o presidente Jair Bolsonaro: em 2019, ao se negar a dar uma de Maquiavel e manter-se fiel a seus valores e princípios, foi taxado pela própria direita de “*frouxo*”; ao discordar em aplicar um estado de sítio no fim de 2022, foi denominado como “*covarde*”. Quando não cassou os partidos progressistas, por pensar que todos possuem liberdade para falar, foi criticado pela ala que chamo “*direita livrinho*”, que sabe tudo sobre *Eric Voeglin* mas são péssimos para análises políticas práticas; e esta ala, até hoje, faz questão de achincalhar Bolsonaro e seus aliados – como o governador *Tarcísio de Freitas*.

Na ânsia de resolver problemas, uma parcela da direita sofre da síndrome do parto prematuro: querem tudo para ontem, não sabem trabalhar as bases e ainda culpam quem não utiliza de métodos revolucionários para alcançar seus objetivos. Em resumo: estamos com diversos Césares Bórgia em nosso meio.

Pessoas que pensam desta maneira revelam algo deveras perigoso: que não possuem escrúpulos. É por isso que faço distinção entre direita e conservadores; enquanto o primeiro grupo representa um espectro político que engloba pessoas de todo tipo com poucos traços em comum (livre mercado e defesa da propriedade privada, por exemplo), o segundo coloca seus valores e crenças acima de tudo. Enquanto o primeiro grupo pensa em poder, o segundo pensa em perpetuar valores, porque entende que só assim teremos uma política sadia.

De nada adianta alegarmos oposição à esquerda se fazemos coro com ela utilizando seus métodos. Ser homem não é bater de frente com tudo e todos a todo custo e a qualquer preço; muitas vezes, um homem de verdade recua para evitar um mal maior. Isso é ser conservador.

Sabemos que estamos sofrendo perseguição do nosso judiciário, e por isso alguns, para continuarem seu trabalho, se autoexilaram; contudo, quem se diz conservador e, acima de tudo, cristão, não deve se deixar levar por métodos escusos, abjetos e que são pedra de tropeço para o seu próximo. É lícito denunciar internacionalmente a perseguição política, é lícito conversar com autoridades

Danielly Jesus

internacionais sobre assunto, mas não é aceitável que, em uma tentativa desesperada de burlar a tirania do judiciário, se crie um perfil em site pornográfico.

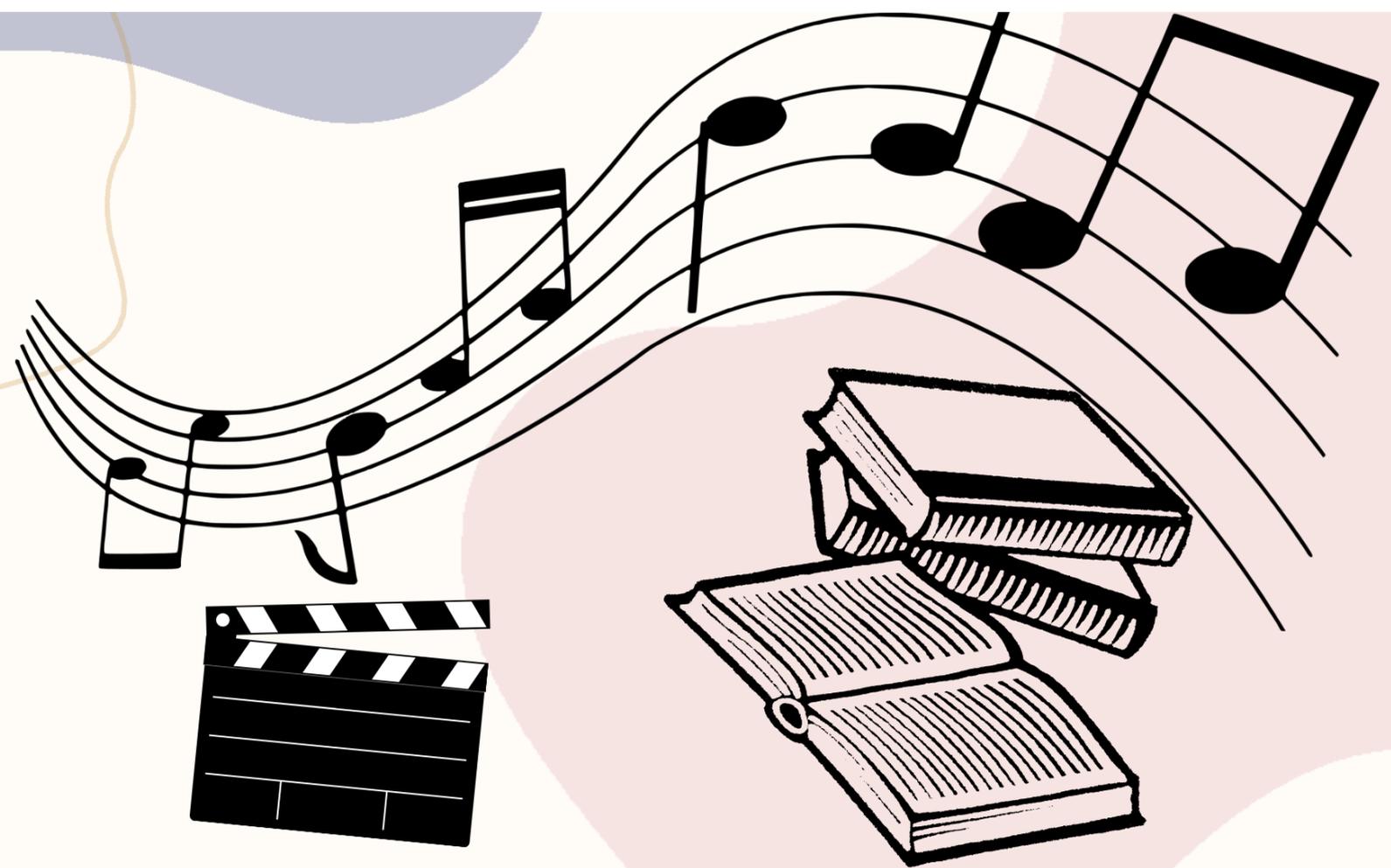
Ao denunciar isso em minhas redes sociais, fui severamente atacada: “*Sua inútil*”, “*Só fala baboseira*”, “*Não sabe o que diz*”, “*Ressentida e frustrada*”. Meu Deus, para mim é tão óbvio que valores estão acima de tudo! Mas, infelizmente, nem todos pensam assim.

Descobri da pior forma possível que existe uma direita maquiavélica, que crê piamente que os fins justificam os meios e ser temido é melhor do que ser amado. Pobres daqueles que forem engolidos pela serpente que ajudaram a alimentar.

[Acesse](#)



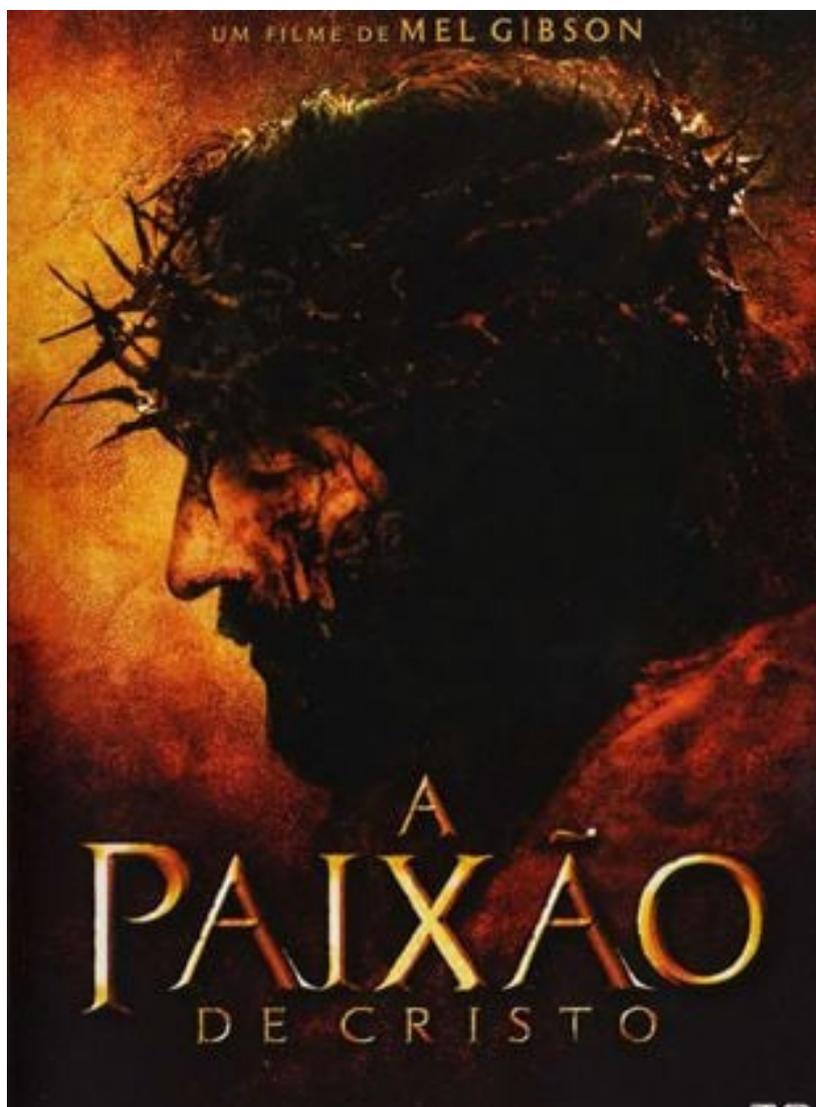
Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

Edição realizada por Leandro Costa

Dica de Filme



A Paixão de Cristo

Sinopse

As últimas 12 horas da vida de Jesus de Nazaré (James Caviezel). No meio da noite, Jesus é traído por Judas (Luca Lionello) e é preso por soldados no Monte das Oliveiras, sob o comando de religiosos hebreus, que eram liderados por Caifás (Matti Sbraglia). Após ser severamente espancado pelos seus captores, Jesus é entregue para o governador romano na Judéia, Poncio Pilatos (Hristo Shopov), pois só ele poderia ordenar a pena de morte para Jesus. Pilatos não entende o que aquele homem possa ter feito de tão horrível para pedirem a pena máxima e eram os hebreus que pediam isto. Pilatos tenta passar a decisão para Herodes (Luca de Domenicis), governador da Galiléia, pois Jesus era de lá. Herodes também não encontra nada que incrimine Jesus e o assunto volta para Pilatos, que vai perdendo o controle da situação enquanto boa parte da população pede que Jesus seja crucificado. Tentando acalmar o povo e a província, que detesta, Pilatos vai cedendo sob os olhares incriminadores de Claudia (Claudia Gerini), sua mulher, que considera Jesus um santo.

Nossa opinião

Na Semana Santa, a indicação dispensa comentários, o feriado da Paixão de Cristo e a Páscoa nos remetem diretamente ao sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus que deu sua vida pela humanidade.

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

SIGAM-ME

Nas redes sociais



Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



@revistaconhecimentocidadania



@revistaconhecimentocidadania



@RevConhecimento



